

As mulheres e a mídia

Women and the media

Las mujeres y los medios de comunicación

Álvaro Regiani¹

Ana Carolina Eiras Coelho Soares²

O dossiê temático “As mulheres e a mídia” reúne artigos que problematizam a presença, a representação e a agência das mulheres nos diversos suportes midiáticos, por meio de uma abordagem interdisciplinar ancorada nos campos da História das Mulheres, dos Estudos de Gênero, da Comunicação e da Análise Crítica da Mídia. A proposta parte da compreensão de que os meios de comunicação não apenas refletem, mas também produzem e reconfiguram discursos sociais, normatividades e dissidências, sendo, portanto, espaços privilegiados para a análise das dinâmicas de poder que atravessam os corpos, as subjetividades e as temporalidades.

¹ Professor Adjunto de História das Américas e das Áfricas na Universidade Estadual de Goiás - Campus Nordeste. Licenciado em História pela Universidade Estadual de Goiás Campus Nordeste (2005); Especialista em Filosofia Política pela Universidade de Brasília (2009); Mestre em História pela Universidade de Brasília (2018); Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (2022). Pesquisador no grupo de pesquisa História Pública, do Universidade Estadual do Paraná. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura em Interfaces: transdisciplinaridade e interculturalidade (LINTERFACES). Vice-coordenador do Grupo de Trabalho Direitas, História e Memória (ANPUH-GO). Principais áreas de pesquisa: História das Américas; História das Áfricas; História do Brasil; História da Filosofia; História e cultura indígena; História e cultura afro-brasileira; História e das relações de gênero. E-mail: alvaro.regiani@ueg.br

² Professora Efetiva do PPGH/UFG e Professora Associada da Faculdade de História da UFG. Doutora em História (UERJ), realizou pós-doc em Antropologia no PPGAS/UNB (2015-2017) e em História na UFES (2020-2022). Atualmente é Diretora de “Mulheres e Diversidades” dentro da Secretaria de Inclusão da Reitoria da UFG e coordena os grupos: GEPEG-FH/UFG-CNPq; GT Mulheres Cientistas e Maternidades Plurais/UFG-CNPq. Premiada em 2021 com a Cátedra Estudos Brasileiros/Estudos de Gênero pelo programa internacional Fulbright em UMass/Amherst, é colunista das Crônicas de Mãe-Revista Cláudia Online. Feminista, Mãe, Poeta, Escritora, Dançarina de dança árabe, Miss e Plantadora de Árvores. Esteve de licença maternidade em 2011 e em 2017/2018. Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001), especialização em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (2008), mestrado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003), doutorado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009). Tem experiência na área de História, com ênfase em estudos sobre a imprensa, literatura, feminismos e sexualidades, atuando principalmente nos seguintes temas: história cultural, gênero, mulheres, violência, literatura, sexualidades, século XIX e XX, José de Alencar e Brasil. É escritora de livros de poesias, infanto-juvenil premiado, contos e livros acadêmicos. É autora de diversos artigos acadêmicos, capítulos de livros, livros de poemas, livro infanto-juvenil e participação em coletâneas de poemas e contos e os livros: “Moça Educada, Mulher Civilizada e Esposa Feliz: História e Relações de Gênero em José de Alencar” (EDUSC, 2012), “Amar é o verbo que rima com Paz” (Metanóia, 2015); História das Mulheres e das Relações de Gênero no Centro-Oeste (orgs.) (Life, 2020) e “Maternidades Plurais (orgs.) (Bindi, 2020)”, “História das Mulheres, Relações de Gênero e Sexualidades em Goiás (Paco, 2021)” e “Receitas de (in)felicidade e pedagogias dos sentimentos: lições de comportamento no Brasil do início do século XX” (CEGRAF/UFG, 2022). E-mail: acecs@ufg.br

A partir de uma perspectiva teórico-metodológica que articula contribuições feministas, pós-estruturalistas e pós-coloniais, os trabalhos reunidos neste dossiê tratam a mídia simultaneamente como fonte e objeto de análise histórica, compreendendo-a como campo estratégico de produção de sentidos, dispositivos de normatização e arenas de disputa simbólica. Longe de serem apenas canais neutros de transmissão, os suportes midiáticos são analisados como tecnologias discursivas que participam ativamente da constituição de subjetividades, da reprodução de hierarquias e da possibilidade de insurgências. Assim, se desvelam operações como os discursos midiáticos operam na construção e na contestação de identidades de gênero, raça, classe e sexualidade.

Os discursos veiculados pelas mídias — impressas, audiovisuais ou digitais — operam na (re)configuração de identidades de gênero, raça, classe e sexualidade, ao mesmo tempo em que refletem e reatualizam valores culturais e estruturas de poder historicamente situadas. Assim, ao privilegiar o gênero como categoria analítica central, os textos tensionam as fronteiras entre o público e o privado, entre a visibilidade e a invisibilidade, entre a norma e a dissidência, evidenciando as formas pelas quais as mulheres — em suas múltiplas posições sociais, étnico-raciais, etárias e geográficas — são interpeladas, silenciadas ou mobilizadas nos diversos produtos culturais e políticos.

Ao investigar desde práticas cotidianas de resistência até performances políticas explicitamente feministas, os artigos deste dossiê exploram a complexidade das dinâmicas mediadas pela comunicação social, expondo os modos pelos quais os corpos femininos são representados, erotizados, criminalizados, apagados ou potencializados conforme regimes discursivos específicos. A mídia, nesse sentido, não é apenas espelho da realidade, mas também máquina de inscrição de normas e exceções, de consagração e de exclusão.

Esse enfoque permite compreender a mídia como um lócus privilegiado para análise histórica das disputas por reconhecimento e legitimação de vozes, narrativas e corpos subalternizados, e ainda como ferramenta de agência política e subjetiva. Ao mapear continuidades e rupturas, os textos reunidos revelam como as mídias servem simultaneamente para reforçar estruturas de dominação e para criar brechas de reinterpretação, reexistência e subversão, em que as mulheres operam como produtoras de sentido, e não apenas como objetos de representação.

Ao tomar o gênero como chave interpretativa, os artigos aqui reunidos desestabilizam as fronteiras entre o público e o privado, a exposição e o apagamento, a conformidade e a transgressão, evidenciando como as mulheres — em sua pluralidade de experiências sociais e históricas — constroem práticas de resistência, ocupam espaços de representação e desafiam

normatividades nos diversos produtos culturais. Os artigos aqui publicados abrangem um recorte temporal e temático amplo, que vai desde o Império brasileiro até os debates contemporâneos em redes digitais. A presença de mulheres negociantes na corte imperial no texto “Leonarda pública ou privada?: Estratégias de uma negociante na Corte Imperial” contrasta com a emergência de representações femininas no carnaval, na imprensa e no cinema, como observamos nos artigos “E no carnaval também se fala de feminismo e voto feminino”, “Mulheres na Revista da Semana (1921-1925)”, “Coluna “Ciência e Medicina” no Jornal das Moças” e “Cinema de Mulheres no Brasil”.

O dossiê também contempla experiências de apagamento e contestação, como nas análises sobre feminicídios midiaticamente silenciados em “A Invisibilidade dos Feminicídios Públicos: O Caso Vivianny Crisley na Mídia” e ““Você é mulher e ele vai te atender: percepção do assédio moral e sexual contra mulheres jornalistas em João Pessoa-PB”. Bem como, juventudes femininas em conflito com a lei no artigo “Adolescentes infratoras no Brasil: invisibilidade de gênero e perspectivas na socioeducação” e a presença de vozes lésbicas na interpretação do jornal alternativo no texto “Nós, Mulheres: a representação da lesbianidade no Jornal Nós Por Exemplo (1991-1995)”. A contemporaneidade também é abordada em sua complexidade por meio de reflexões sobre o “Movimento #EleNão”, a performance de maternidade nas eleições em Mães de Instagram: mobilizações da maternidade por candidatas às eleições de 2022” e os atravessamentos de gênero nas interações com os sistemas de saúde e com as tecnologias digitais.

A pluralidade teórica e metodológica dos textos é também evidenciada nos trabalhos que abordam as interfaces comunicacionais sob perspectiva crítica no artigo “Interfaces comunicacionais amigáveis e gênero”, o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica em “Interseccionalidade entre gênero e mídia”, e compreensão de escritoras nas Histórias em quadrinhos no artigo “Uma Demônia Desafiadora: Crítica Social e Visão Política de Ann Nocenti”.

Ao reunir essas contribuições, o dossiê reafirma o compromisso com uma historiografia e uma crítica cultural comprometidas com a desnaturalização das hierarquias de gênero, bem como com a problematização das formas simbólicas e materiais pelas quais a opressão, a resistência e a agência feminina se manifestam nos ambientes midiáticos. Trata-se de um convite à escuta e à leitura atentas das múltiplas vozes de mulheres – em sua diversidade de contextos sociais, raciais, sexuais, territoriais e geracionais – que emergem, circulam ou são silenciadas pelas tecnologias comunicacionais ao longo da história. Nesse sentido, os textos aqui reunidos não apenas ampliam o campo de análise sobre a presença e representação das

mulheres nos meios de comunicação, mas também propõem um olhar crítico sobre a própria constituição das mídias como arenas de disputa por visibilidade, poder e reconhecimento. As revistas científicas, nesse panorama, assumem um papel central na mediação dessas reflexões ao viabilizarem espaços de circulação acadêmica comprometidos com o pensamento crítico, a renovação epistemológica e a ampliação das fronteiras do conhecimento. Ao publicar este dossiê, a revista acolhe debates sensíveis e urgentes, reafirmando seu papel como instância de legitimação de saberes plurais, produção de memória e construção coletiva de agendas intelectuais voltadas à justiça cognitiva e social. Que este volume sirva como instrumento de diálogo, formação e transformação nos campos da História, Mídias e dos Estudos de Gênero. A organização deste dossiê é fruto de diálogos acadêmicos e políticos que reconhecem a urgência de pensar criticamente as relações entre gênero e mídia em diferentes contextos históricos e culturais. Ao reunir pesquisadoras e pesquisadores de distintas instituições e áreas do saber, buscamos construir um espaço de interlocução interdisciplinar que valorize abordagens comprometidas com a justiça epistêmica, com a diversidade das experiências femininas e com o enfrentamento das desigualdades estruturais que marcam a produção e circulação dos discursos midiáticos.

A tradução, realizada por Ana Carolina Eiras Coelho Soares, do ensaio intitulado "Depois da História?" de Joan W. Scott, aqui apresentada, visa ampliar o acesso em língua portuguesa a um texto fundamental para os debates historiográficos contemporâneos. Produzido no contexto das “guerras da história” nos Estados Unidos e originalmente publicado em 2001, o texto permanece atual ao desafiar concepções naturalizadas de objetividade, verdade e identidade na escrita da história. Ao historicizar as próprias categorias com que operamos — e ao reivindicar uma prática historiográfica crítica, situada e politicamente responsável —, Joan Scott propõe uma ética da interpretação que se mostra indispensável frente às disputas contemporâneas em torno da memória, da diferença e do futuro. A presente tradução busca preservar o rigor analítico e o compromisso político da autora, reafirmando a importância de seu pensamento para os estudos históricos, de gênero e para a defesa da democracia intelectual.

Agradecemos às autoras e aos autores que aceitaram o convite para compor este número, cujos textos reafirmam o vigor analítico e político dos Estudos de Gênero e da História das Mulheres no cenário acadêmico contemporâneo. Estendemos nosso agradecimento às pareceristas e aos pareceristas anônimos que contribuíram com rigor e generosidade para a qualidade editorial dos artigos, bem como à equipe da revista, cujo trabalho técnico e editorial tornou possível esta publicação.

Esperamos que este dossiê inspire novas pesquisas, práticas pedagógicas e intervenções críticas, fortalecendo a construção de um campo de estudos atento às múltiplas formas de opressão e resistência, e comprometido com a escuta, a memória e a visibilidade das experiências de mulheres nos espaços midiáticos e na sociedade.